

A construção do espaço em “Clara dos Anjos”, de Lima Barreto

ADRIANA dos REIS SILVA*

CARLOS VINÍCIUS TEIXEIRA PALHARES**

* Doutoranda em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas.

** Mestrando em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas.

Resumo

Neste artigo, objetiva-se apreender a encenação da realidade brasileira, a partir dos espaços urbanos apresentados em *Clara dos Anjos*, obra de Lima Barreto. Os ideais de modernidade e a concepção de cidade que marcou a antiga capital do Brasil, Rio de Janeiro, sob o impacto das mudanças estruturais impostas à cidade, surgem através de aspectos relevantes para a constituição do espaço da narrativa. Sendo assim, o trânsito da cidade e o subúrbio, nessa narrativa, constituem-se sob as perambulações realizadas pelos personagens centrais da narrativa – Cassi e seus amigos trapaceiros em contraponto à família de Clara dos Anjos. A idealização do espaço urbano, de seu planejamento, e as diferentes estratégias de intervenção que fizeram parte do Rio de Janeiro, no começo do século XX, pareceu-nos transformar a cidade em denúncia de uma sociedade injusta e racista. É perceptível, nessa trama, a (re) criação da paisagem, marcando a capacidade do Estado de impor uma concepção estética, mascarada pela ideologia da modernização, que reflete nas características do gênero literário escolhido por Barreto, ao difundir padrões e normas sociais, criando uma espécie de coordenação das múltiplas temporalidades de um público diversificado.

Palavras-chave: Lima Barreto; Espaço; Construção da narrativa; Clara dos Anjos.

A MOTIVAÇÃO DE LIMA BARRETO

Lima Barreto é considerado um escritor sagaz da sociedade carioca do início do século XX e se assemelha a um *flanêur*. Caminha pela cidade, e sob um olhar perspicaz, capta, ao seu modo, as nuances de um Rio de Janeiro que se modifica para atender ao projeto republicano de modernidade. Na visão desse autor, os problemas da cidade centravam-se no advento da modernidade, que atuava no empobrecimento das massas. Sua escrita crítica nos fornece uma excelente ferramenta de análise daquela sociedade, na medida em que foi produzida por ele na

condição de vivente do cotidiano carioca.

É nesse contexto de conflitos e mudanças que Lima Barreto escreve **Clara dos Anjos**, romance que retrata a vida no subúrbio e as transformações que, em nome do progresso, se instauravam na cidade. Logo, essa narrativa apresenta, em seu cenário enunciativo, um ponto de vista geográfico-social, noção esta que nos permite revelar os segredos do Rio de Janeiro do século passado, lugar de circulação de boêmios e intelectuais, e por onde Lima Barreto viveu e circulou.

Essa obra de Barreto incide sobre o trânsito entre a cidade e o subúrbio, que se constitui pelas “perambulações” realizadas pelos personagens centrais da narrativa – Cassi e seus amigos trapaceiros em contraponto à família de Clara dos Anjos. A idealização do espaço urbano, de seu planejamento, e as diferentes estratégias de intervenção que fizeram parte do Rio de Janeiro no começo do século XX parecem transformar a cidade em alvo de denúncia de uma sociedade injusta e racista. Convém pontuar, ainda, que essa foi uma época na qual essa cidade passou por uma brusca transformação econômica, política e social. Esse cenário propiciou e/ou estimulou os principais autores daquele tempo a retratarem esses fatos em suas obras, como afirma Sevcenko (2003).

Ainda, faz-se interessante apontar que, no cotidiano de Lima Barreto, um escritor mulato, e com capacidade para se tornar um intelectual de sucesso, havia uma rotina sufocante, a qual ele suportou, mas sob várias crises: “do ministério para o subúrbio; do subúrbio para o mar de papéis burocráticos que o esperavam no ministério” (FARACO, 1998, p. 07). Sendo assim, a vida conturbada desse autor projeta, em sua escrita, uma preocupação original diante do sistema político e social brasileiro.

A obra

Clara dos Anjos, de Lima Barreto, retrata uma história que se passa no subúrbio carioca, relatando o cotidiano da mulata Clara – filha de Joaquim, um humilde carteiro, e de Engrácia, uma simples mulher do lar. Clara foi seduzida por um rapaz de uma condição social um pouco melhor do que a dela – Cassi Jones, um trapaceiro nato, que usa meios ilegais para sobreviver.

Essa narrativa se passa no Rio de Janeiro, no início do século XX. Conforme explica Micheletti (1998). Lima Barreto, nessa obra, apropria-se da técnica de escritores realistas, fazendo com que o narrador se aproxime de seu leitor a partir de descrições

parciais e minuciosas, numa espécie de acúmulo de pequenas informações. Usa (...) o lugar em que moram, trabalham ou se divertem para definir a posição social e construir o perfil psicológico dos personagens. (MICHELETTI, 1998, p. 4).

O Rio de Janeiro, que se modernizava, abria espaço para novos comportamentos, típicos de uma cidade cosmopolita.

O autor revela, por meio da personagem Clara, a condição social vivida pela mulher negra e pobre no espaço urbano brasileiro; e, sob um caráter autobiográfico, essa personagem pode, talvez, indicar as humilhações sofridas por Barreto no decorrer de sua vida, em especial a do preconceito racial de que eram vítimas os mulatos como Barreto. Assim, exploram-se, em **Clara dos Anjos**, as contradições de um progresso social de um país que desejava alcançar a modernidade, mas ainda se via preso a um passado colonial, enfrentando grandes problemas advindos de uma sociedade burguesa. Sociedade essa que tinha a mulher representada de maneira idealizada e virtuosa, e o homem como princípio de identidade para a formação da família. O modo de vida deveria condizer com o estilo urbano, porém, além de serem negros, eram pobres e moravam no subúrbio, o que possivelmente viria a interferir na educação e no comportamento de Clara, bem como no preconceito a que esta e sua família estariam submetidas, uma vez que o estilo de vida burguês parecia reservado a um pequeno grupo elitizado.

AMBIENTAÇÃO

Lefebvre (2008), em seu estudo sobre o espaço, considera que existem diversas abordagens para se tratar o espaço. Uma delas seria trabalhar o espaço a partir “da percepção comum à escala do indivíduo, e de seu grupo, a família, a vizinhança, aí compreendendo o que se chama ‘o ambiente’” (LEFEBVRE, 2008, p. 3), isto é, a dicotomia que o espaço social adquire como uma modalidade de produção que se inscreve numa determinada sociedade, na qual as contradições se manifestam, sendo que essas, mesmo mascaradas, advêm de um contexto prático e social. A disposição do espaço urbano traduz as relações conflitantes entre o capital e o trabalho, condicionando as contradições decorrentes do caráter capitalista da prática social, não somente no sentido material, mas nas relações de poder projetadas territorialmente, e nas práticas socioespaciais as quais esses se inscrevem.

Através dessa concepção, observa-se que o narrador, em **Clara dos Anjos**, relata, inicialmente, com detalhes, o espaço onde acontece a história. A localização da casa da família de Joaquim dos Anjos é assim descrita por ele:

A rua em que estava situada a sua casa desenvolvia-se no plano e, quando chovia, encharcava e ficava que nem um pântano; entretanto, era povoada e se fazia caminho obrigado das margens da Central para a longínqua e habitada freguesia de Inhaúma. (...) Era uma rua sossegada e toda ela, ou quase toda, edificada ao gosto antigo do subúrbio, ao gosto do *chalet*. Além dos clássicos chalets suburbanos, encontravam-se outros tipos de casas. (...) Havia, porém, uma casa digna de ser vista. (...) Um tanto feia, é verdade, que ela era, sem garridice; (...) Os muros que cercavam a casa, a razoável distância, e mesmo aquele em que se apoiava o gradil de ferro da frente do imóvel, estavam cobertos de hera, que os envolvia em todo ou em parte, não como um sudário, mas como um severo, cerimonioso e vivo manto de outras épocas e de outras gentes, a provocar

saudades e evocações, animando a ruína. Hoje, é raro ver-se, no Rio de Janeiro, um muro coberto de hera; entretanto, há trinta anos, nas Laranjeiras, na rua Conde de Bonfim, no Rio Comprido, no Andaraí, no Engenho Novo, enfim, em todos os bairros que foram antigamente estações de repouso e prazer, encontravam-se, a cada passo, longos muros cobertos de hera, exalando melancolia e sugerindo recordações. (BARRETO, 1998, p. 15-16)¹.

Todas as citações de *Clara dos Anjos*, neste trabalho, foram extraídas de sua 11ª edição, publicada pela Editora Ática, em 1998, e, doravante, serão assinaladas apenas pelo seu número de página.

As habitações, retratadas pelo narrador, compõem o panorama que abriga os personagens centrais desse romance. Os relatos nele mostrados revelam um lugar carente, tanto pela falta do dispositivo sanitário, quanto pela dinâmica estrutural das casas. Entretanto, o narrador mesmo diante de aspectos degradantes advindos do meio físico, se coaduna com seu leitor através de uma linguagem emotiva, resgatando elementos de tempos passados.

Esse espaço apresentado demonstra, ainda, a situação de lastimável penúria do meio suburbano, suas mazelas, e as construções que rememoram um tempo já findo, exprimindo as relações socioculturais e econômicas que dali emergem os protagonistas dessa trama.

Nota-se, desde logo, nesse discurso, uma projeção moral, social e econômica do Estado: a representação de uma cidade moderna trouxe a ideia de ruptura com o passado e com a tradição, expressos no seu planejamento, mas que, na sua dinâmica social de uso e apropriação dos espaços públicos, tornou-se algo controverso. Afinal, o antigo se mostra sob uma noção nostálgica, enquanto o novo ressignifica-se através do híbrido.

Os interesses do poder público e da sociedade civil refletem sobre a dinâmica de apropriação, ressemantizando os espaços públicos; estes, por sua vez, são modificados constantemente, seja por aumento populacional, ou pelo processo de embelezamento da capital. Desse modo, enquanto dada comunidade relata os indícios de como seria o percurso de adaptação da vida moderna, um novo modo de se expor nos espaços públicos começa a surgir:

O subúrbio propriamente dito é uma longa faixa de terra que se alonga, desde o Rocha ou São Francisco Xavier, até Sapopemba, tendo para eixo a linha férrea da Central.

Para os lados, não se aprofunda muito, sobretudo quando encontra colinas e montanhas que tenham a sua expansão; mas, assim mesmo, o subúrbio continua invadindo, com as suas azinhagas e trilhos, charnecas e morrotes.

Há casas, casinhas, casebres, barracões, choças, por toda a parte onde se possa fincar quatro estacas de pau e uni-las por paredes duvidosas. Todo o material para essas construções serve: são latas de fósforos distendidas, telhas velhas, folhas de zinco, e, para as nervuras das paredes de taipa, o bambu, que não é barato. (p. 72)

Lefebvre (2008) aponta o espaço social como um produto da sociedade, que depende, principalmente, da descrição empírica, antes de qualquer teorização. Segundo o autor, o espaço torna-se um vetor que se direciona para o trabalho e a divisão deste, sendo

o lugar determinante dos objetos produzidos, “o conjunto das coisas que o ocupam e de seus subconjuntos, efetuado, objetivado, portanto, ‘funcional’”. (LEFEBVRE, 2008, p. 44). O espaço é considerado resultado da divisão do trabalho, um produto histórico, o lugar que reúne os objetos produzidos da sociedade.

Sob essa concepção, o espaço geográfico pode ser visto como um espaço social, sendo tratado como um produto social. Entende-se, além disso, que, neste processo de apropriação, o espaço natural tende a desaparecer, possibilitando-o a tornar-se a fonte e o recurso necessário mediador desse contexto, seja através da “coesão (pela violência)”, ou pela dissimulação das oposições presentes no real “sob uma aparente coerência racional e objetiva”. (LEFEBVRE, 2008, p. 45).

Lefebvre salienta, ainda, que cada sociedade, assim como um modo de produção qualquer, produz o seu próprio espaço, além de uma prática e apropriação realizadas singularmente. Sendo assim, nos deparamos, então, com a reprodução das relações sociais que inclui a divisão hierárquica do trabalho e das funções sociais.

Nessa perspectiva, as reflexões de Lefebvre auxiliam no entendimento da riqueza textual descritiva construída pelo narrador, mostrando a condição social na qual se encontravam os personagens protagonistas dessa história, e isso se realiza sob o relato de aspectos mais triviais do Rio de Janeiro. Por conseguinte, o lugar de pertença desses sujeitos de ficção e a expansão periférica pelos quais passa esse lugar manifestam-se de modo peculiar nessa construção narrativa.

Nota-se, entretanto, que a dinâmica capitalista expropria os habitantes de baixa condição da área central para as zonas periféricas, fazendo com que esses indivíduos se estabeleçam à margem da sociedade, sem nenhuma infraestrutura.

A representação espacial geográfica, desse modo, parece instituir-se sob o olhar experienciado do narrador, resultando numa interação entre a possibilidade imagética relatada e outra herdada pela vivência do autor.

Ainda sob esse olhar, as transformações espaciais na obra de Barreto também se amparam sob a concepção de paisagem segundo Zukin (2000): “A partir da noção acadêmica ligada a um gênero de pintura, a paisagem ampliou seu significado para incluir uma avaliação da cultura material, do texto e do processo social”, considerando, também, o espaço como um agente estruturante do meio social, e ainda, dinâmico, pois influencia a história, molda-se pela ação humana. (ZUKIN, 2000, p. 84).

A partir da concepção apontada, percebe-se, nessa obra de Lima Barreto, uma ordenação espacial estabelecida marginalmente por fatores vividos por seus residentes e, diante desse contexto literário, a realidade adversa da cidade apresenta-se sob uma situação de miséria:

O subúrbio é o refúgio dos infelizes. Os que perderam o emprego, as fortunas; os que faliram nos negócios, enfim, todos os que perderam a sua situação normal vão se aninhar lá; e todos os dias, bem cedo, lá

descem à procura de amigos fiéis que os amparem, que lhes dêem alguma coisa, para o sustento seu e dos filhos. (p. 73).

Logo, sob essa ordem na narrativa, o lugar define a posição socioeconômica dos personagens – habitantes do subúrbio –, impondo, de forma constrangedora, o destino de alguns sujeitos de ficção, seja pelo desprezo ou descaso social, seja através de seu lugar de pertencimento identitário, revelando o subúrbio como “lugar dos infelizes”, onde se prolifera a representação da pobreza.

O contraste também é marcado nessa trama, e isso se apresenta através do espaço delimitado pelo subúrbio e pela cidade. O narrador demonstra com perspicácia a distinção entre um e outro:

Cassi Jones, sem mais percalços, se viu lançado em pleno Campo de Sant’Ana, no meio da multidão que jorrava das portas da Central, cheia da honesta pressa de quem vai trabalhar. A sua sensação era que estava numa cidade estranha. No subúrbio, tinha os seus ódios e os seus amores; no subúrbio tinha os seus companheiros, e a sua fama de violeiro percorria todo ele, e, em qualquer parte, era apontado; **no subúrbio, enfim, ele tinha personalidade**, era bem Cassi Jones de Azevedo; mas, ali, sobretudo do Campo de Sant’Ana para baixo, o que era ele? Não era nada. Onde acabavam os trilhos da Central, acabava a sua fama e o seu valimento; a sua fanfarronice evaporava-se, e representava-se a si mesmo como esmagado por aqueles “caras” todos, que nem olhavam. (p. 112-113 – grifo nosso).

O espaço urbano projeta-se sob um cenário que contrapõe as duas faces de uma mesma realidade espacial: aquela representada pelo pobre – oprimido –, e outra, onde se estabelece o sujeito que ascende socialmente – dominador.

O personagem Cassi, mesmo transitando por essas esferas sociais diferentes, consegue ter reconhecimento apenas no meio suburbano, o qual lhe dá a mobilidade no convívio com sujeitos simples, sendo esse percurso o detonador para que ele cruze o caminho de Clara dos Anjos, jovem submissa, que segue as regras da sociedade patriarcal. Diante disso, a educação recebida pela personagem não lhe permite fazer alguma atividade que não se restrinja ao lar, sendo descrita sob “uma natureza amorfa, pastosa, que precisava mãos fortes que a modelassem e fixassem”. (p. 05). Percebe-se, portanto, que Clara seria uma presa fácil para o galanteador dos subúrbios, Cassi.

Por outro lado, o trânsito realizado pelas pessoas da cidade causa estranheza em Cassi Jones, pois projeta a condição vivida pelos sujeitos trabalhadores, honestos, fato abominado por esse personagem que não respeita o espaço do outro. Assim, esse caráter idiossincrático, trazido por esse sujeito de ficção, o faz despontar com ares boêmios, tendendo a abocanhar a escória humana e o atraso intelectual dos mais humildes.

A ficção X o REAL

Estruturalmente, a cidade do Rio de Janeiro mantinha-se presa

ao modelo urbano do período colonial, impedindo a ampliação de investimentos estrangeiros na cidade. Nicolau Sevcenko (2003) assim comenta o assunto:

Muito cedo, ficou evidente para esses novos personagens o anacronismo da velha estrutura urbana do Rio de Janeiro diante das demandas dos novos tempos. O antigo cais não permitia que atracassem os navios de maior calado que predominavam então, obrigando a um sistema lento e dispendioso de transbordo. As ruelas estreitas, recurvas e em declive, típicas de uma cidade colonial, dificultavam a conexão entre o terminal portuário, os troncos ferroviários e a rede de armazéns e estabelecimentos do comércio de atacado e varejo da cidade. As áreas pantanosas faziam da febre tifóide, do impaludismo, da varíola e da febre amarela endemias inextirpáveis. E o que era mais terrível: o medo das doenças, somado às suspeitas para com uma comunidade de mestiços em constante turbulência política, intimidava os europeus, que se mostravam então parcimoniosos e precavidos com seus capitais, braços e técnicas no momento em que era mais ávida a expectativa por eles. (SEVCENKO, 2003, p.40-41).

A transformação do espaço público e, por conseguinte, do modo de vida e da mentalidade carioca, ocorre a partir de padrões totalmente novos para a população. Nesse sentido, *Clara dos Anjos* revela contextualmente “retalhos da vida suburbana”, assim como as mudanças urbanas numa sociedade que se mostra a partir das tensões presentes no romance, e talvez no próprio ambiente vivido por Lima Barreto.

O romance de Lima Barreto ainda denota a preocupação em revelar a marginalização na qual vivia a camada popular, e, ao fazer isso, o escritor dá aos rejeitados – sujeitos abandonados pela sociedade – um momento para que estes se apresentem como o centro articulador da narrativa.

A provável denúncia da precariedade dos órgãos governamentais surge, nessa narrativa, através da seguinte assertiva: “Mais ou menos é assim o subúrbio, na sua pobreza e no abandono em que os poderes públicos o deixam.” (p. 81). Os poderes públicos dessa época, como se observa, não assistem, como seria devido, os habitantes da zona de pobreza.

Parece-nos que fatos concretos vividos pelo autor tornam-se, nesse instante, elementos preciosos que compõem a narrativa, sob um tom de delato, privilegiando seu leitor com representações críticas da sociedade carioca do século passado.

CONCLUSÃO

A narrativa literária nos propicia estabelecer a intersubjetividade entre a obra, autor e leitor, fato que nos orienta para o real e que se estabelece de maneira concreta pela escritura. As múltiplas visões que uma história pode vir a ter são criadas nesse momento, projetando aspectos sociais de dadas culturas que, nesse caso, mostrado por *Clara*

dos Anjos, assume o imaginário vivido no Brasil do século passado, marcado pelo racismo.

Lima Barreto descrevia, em seus textos, tudo aquilo que caísse na sua inconformidade com a sociedade. Em *Clara dos Anjos*, o autor não separa a obra literária dos acontecimentos reais, representando as crenças, o comportamento e a tradição popular das pessoas. Barreto faz uma fusão do real com a ficção, narrando acontecimentos e fatos que demonstram a situação das famílias cariocas no início do século XX, atentando para a maneira de agir de alguns grupos sociais, que contribuiriam direta ou indiretamente na formação da nova sociedade que estava por vir.

Não é preciso, portanto, mencionar todos os capítulos desse romance para que se chegue a uma consideração, aqui já dita, de que Lima Barreto contempla o imaginário social que se forma pela base de pessoas comuns, conseguindo, assim, revelar a busca por uma sociedade igualitária, embora se mostre esfacelada e caótica perante o olhar do autor.

Abstract

This article aims to understand the scenario of the Brazilian reality, from the urban spaces presented in *Clara dos Anjos*, written by Lima Barreto. The ideals of modernity and design of the city that marked the ancient capital of Brazil, – Rio de Janeiro –, under the impact of structural changes imposed on the city, arise through relevant issues for the constitution of the narrative space. The idealization of urban space, in their planning, and different intervention strategies that made part of Rio de Janeiro in the beginning of the century XX seems to transform the city into a complaint of unfair and racist society. It is noticeable in this plot to realize the (re)creation of the landscape, marking the State's capacity to impose an aesthetic conception, masked by the ideology of modernization, reflecting about the characteristics of the literary genre chosen by Barreto to disseminate social standards and norms, which create a kind of coordination from multiple temporalities of a diverse audience.

Keywords: Lima Barreto; Space; Narrative construction; *Clara dos Anjos*.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. 11. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- CANDIDO, Antonio. Literatura, Espelho da America? In: **Luso-Brazilian Review**. University of Wisconsin Press, 1995. Disponível em: <http://www.jstor.org/pss/3513621>. Acesso em 10 jun. 2010.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2004. p. 169-191
- FARACO, Carlos. Uma literaturaafiada. In: BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. 11. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- LEFEBVRE, Henri. **Espaço e política**. Tradução de Margarida Maria de Andrade e Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

MICHELETTI, Guaraciaba. Contra o racismo e a injustiça. In: BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. 11. ed. São Paulo: Ática, p. 03-07, 1998.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ZUKIN, Sharon. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder. In: ARANTES, Antonio A. (Org.) **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, p. 81-103, 2000.